

1

Introdução

1.1

Objetivo

cepticismo *sm.* **1.** Atitude ou doutrina segundo a qual o homem não pode chegar a qualquer conhecimento indubitável. **2.** Dúvida de tudo. [Var.: *ceticismo*.]

céptico *adj. e sm.* Que ou aquele que tem cepticismo ou é partidário dele. [Var.: *cético*.]

Minidicionário Aurélio.

A escolha deste mini-dicionário não é aleatória. Este talvez seja o dicionário mais lido no Brasil, nele os verbetes cepticismo e céptico trazem definições em que os significados articulam-se, respectivamente, com 1, uma dúvida radical, a impossibilidade do conhecimento, uma possível doutrina advinda disto e 2, o seguidor desta doutrina; um prosélito.

Estas definições para ambas as palavras partem do uso delas no senso comum, onde são vinculadas com as idéias de descrença (*sf.* Falta ou perda de crença; incredulidade) e incrédulo (*adj.* Falto de crença; ímpio, ateu.). Isto porque há subjacente uma certa dúvida (*sf.* **1.** Incerteza sobre a verdade dum fato ou verdade dum assertão. **2.** Descrença.).

A articulação destas diferentes palavras em torno de cético e ceticismo não é totalmente eventual, o senso comum expressa a crença de determinado conjunto de pessoas em determinado contexto, e as palavras usadas por este conjunto de pessoas neste determinado contexto conservam sim alguns aspectos do significado original das palavras. Ainda assim, o significado original das palavras cético e ceticismo está muito distante do uso delas na linguagem do senso comum.

O que pretendo é justamente tratar deste significado original, o significado filosófico do ceticismo, especialmente da modalidade Pirrônica.

1.2

Uma breve história do ceticismo

Apesar da vasta quantidade de artigos e tábuas cronológicas que tentam situar o leitor na historiografia das escolas helenísticas, contar uma história do ceticismo antigo é uma tarefa um tanto complicada. Talvez porque não há um ceticismo, e na verdade nem dois, mas há tendências e concepções de ceticismo muito antes de haver escolas cétricas. Há várias posturas filosóficas que usam argumentos cétricos e que vieram a ser consideradas cétricas pelos pensadores cétricos posteriores. Assim, Homero fora considerado por alguns o iniciador do ceticismo devido a argumentos em que ele expressava a dubiedade em torno de uma mesma coisa, de acordo com as contingências (Diógenes Laércio, “Vidas e Doutrinas dos Filósofos Ilustres”¹ IX 71), algumas máximas dos Sete Sábios e também argumentos e frases de tragediógrafos e filósofos mais antigos foram consideradas cétricas. Isto demonstra que havia argumentos cétricos antes de escolas cétricas, mas de fato nem todos estes argumentos cétricos foram influentes sobre os “heróis” cétricos que estavam por vir ou sobre as escolas que eles fundariam ou que seriam modificadas ou fundadas em seus nomes.

Os pensadores antecedentes do ceticismo e que de fato influenciaram a filosofia cétrica são chamados proto-cétricos. Os mais influentes são os atacados por Aristóteles no livro Γ da Metafísica onde, para defender o Princípio da Não-Contradição, o estagirita diz que este princípio deve ser aceito mesmo por aqueles que para tudo exigem provas ou que afirmam que algo pode ser e não ser. Além disso, o próprio Sexto Empírico nos capítulos XXIX a XXXII do livro I das Hipotiposes Pirrônicas nos dá pistas sobre quem seriam os proto-cétricos, lá Sexto busca estabelecer diferenciações entre a escola Pirrônica e outras escolas para que não haja confusão, tendo em vista que haveria pontos semelhantes entre estas escolas e o ceticismo. As escolas referidas por ele são respectivamente a mobilista representada

¹ Doravante D.L.

por Heráclito e os seguidores de sua doutrina, como Crátilo, a Atomista representada por Leucipo e Demócrito e os atomistas posteriores, a Cirenaica representada por Aristipo e a sofista² representada pelo célebre Protágoras, por exemplo. Os argumentos destes pensadores denotam 1- uma desconfiança com relação à possibilidade de se conhecer a verdade através dos dados sensoriais, 2- a possibilidade de haver um movimento permanente na natureza que cause constantes mudanças circunstanciais que impeçam um conhecimento estável, e também 3- a submissão do conhecimento ao sujeito cognoscente e às circunstâncias em que este se encontra, e serão muito influentes, por exemplo, sobre os tropos de Enesidemo, ao apontarem limites para o entendimento humano. Contudo, é a Pirro de Elis que é atribuída a fundação do ceticismo.

Para a maioria dos filósofos Helenísticos, Pirro ocupa uma posição comparável, em muitos sentidos, à de Sócrates, ambos são abrangentes na quantidade de filosofias que estimularam, ambos fizeram-se paradigmáticos através dos seus estilos de vida, pela sua personalidade mais do que pela construção de doutrinas sistemáticas ou por escreverem livros, tarefas estas que foram deixadas aos seus discípulos. Velho o suficiente para ter acompanhado as expedições de Alexandre à Índia, Pirro já era uma figura reconhecida quando Epicuro, Zenão e o acadêmico Arcesilao estavam desenvolvendo suas identidades filosóficas. Epicuro admirava seu estilo de vida³, seu posicionamento ético influenciara o estóico Aristón, e nomearam-no o progenitor do ceticismo Acadêmico. Quando Enesidemo desertou da Academia, desligando-se das tendências dogmáticas que sobre ela se abatiam, ele representou a independência da sua filiação filosófica sob o nome de Pirronismo.

Apesar da muito cuidadosa e precisa documentação da vida de Pirro de Elis em “As Vidas dos Eminentes Filósofos”, extraída de uma impressionante gama de diferentes e aparentemente independentes fontes (algumas delas, como Antígono de Carystus⁴, contemporâneos próximos do sujeito da biografia), traçar um quadro histórico da vida de Pirro é muito difícil e os possíveis pormenores dela não nos interessam aqui. Interessa-nos que depois de alguns contatos com filósofos gregos

² Mesmo que não tenham existido “escolas sofísticas”, a filosofia dos sofistas é tratada por Sexto no capítulo XXXII do livro I das Hipotiposes como a “doutrina de Protágoras”.

³ D.L. IX 64.

⁴ D.L. IX 62.

atomistas, Pirro viajou para a Índia na companhia de Anaxarco, tendo como consequência disto que, de acordo com Antígono de Carystus (D.L. IX 63), e também Ascanius de Abdera (D.L. IX 62), ele adotou sua filosofia cética. Não nos importam aqui quais são as possíveis origens das contribuições tão ímpares de Pirro para o legado do ceticismo, mas sim quais são estas contribuições.

Primeiramente, a abordagem antitética quanto a toda metafísica, possivelmente quanto a toda asserção, que é a diferença entre a filosofia Pirrônica e todas as outras filosofias gregas da mesma época. Refiro-me a tais modos familiares de expressão como παντὶ λόγῳ λόγος ἀντίχειται. Obviamente, há precedentes a levar em conta para um posicionamento como este que remontam à, pelo menos, o período dos sofistas. Devo lembrar os Δισσοὶ λόγοι e o testemunho de Diógenes Laércio de que Protágoras foi a primeira pessoa a afirmar que para cada argumento há duas formas de se argumentar que são exatamente opostas uma a outra.

A formulação das antinomias em quadrilemma, um modo de pensamento até este momento sem precedentes na filosofia grega, ou de fato, em qualquer outro pensamento, e não muito evidente mesmo depois deste período exceto no *corpus* cético de Sexto Empírico, onde há catorze deles ao todo (quatro deles arranjados sob a mais rigorosa forma). Pelo menos quanto a isto, Pirro parece ter sido um pioneiro da lógica.⁵

O atrelamento da incerteza gerada pelas antinomias e pelos quadrilemma a uma meta de vida definida negativamente, que é algo como um fim em si, é a única via pela qual se chega a um novo nível de tranquilidade da consciência. Segue-se assim uma cessação de todo discurso (*aphasia*), uma cessação de toda atividade (*apraxia*) que conduzem, por sua vez, a uma cessação de toda inquietude (*ataraxia*)⁶.

Apesar de nada ter escrito, Pirro teve discípulos que se preocuparam em retransmitir seus pensamentos, como Eurílocos, Hecataios, Tímon e Filo, destes, alguns deixaram escritos.

⁵ FLINTOFF, Everard. Pyrrho and India; em Phronesis. 1980.

⁶ D.L. IX 62 em diante.

Após isto o ceticismo entra em uma fase mais obscura (se é que isto é possível). Os discípulos de Pirro, chamados Pirrônicos, se dividirão em aporéticos, céticos (daí surgirá efetivamente o termo *cético*), eféticos e zetéticos:

Chamam-se zetéticos os que buscam sempre e sobretudo a verdade, céticos os que indagam e nunca chegam a uma conclusão; os eféticos têm esse nome por causa do estado mental subsequente à sua indagação, ou seja, a suspensão do juízo; finalmente, os aporéticos recebem tal nome porque não somente eles, mas os próprios filósofos dogmáticos, estão frequentemente perplexos. (D.L. IX 70).

Um outro círculo de efervescência cética foi a Academia, a partir da fase Média que vê, com Arcesilao, um anti-dogmatismo e ceticismo moderado em teoria do conhecimento. A Nova ou Terceira Academia é representada principalmente por Carnéades e Clitômaco, não há grande cesura entre esta fase e a precedente, a única diferença substancial é a adesão de argumentos probabilistas pela Nova Academia e uso deles nos cada vez mais freqüentes ataques aos Estóicos.

Mais tarde, Enesidemo, após uma ruptura com a Academia, será o homem responsável pela fundação, ou de qualquer forma pelo reavivamento, do Pirronismo no primeiro século a.C. Os *Esboços Introdutórios ao Pirronismo* de Enesidemo foram presumivelmente o primeiro trabalho a carregar tal título, e sabemos algo sobre ele através de uma referência feita por Diógenes Laércio (D.L. IX 78). Enesidemo compilou a classificação dos vários modos ou vias pelas quais as impressões sensíveis geram convicções ou persuasões⁷, e a partir disso ele usa estes modos para tentar destruir, sistematicamente, as crenças tão arraigadas através da demonstração de que cada um destes modos produz crenças conflitantes ou igualmente persuasivas e que não são confiáveis para nos pôr em contato com a verdade. O resultado será, sempre, a *epoché* sobre o que é a verdade (D.L. IX 84). Os modos ou tropos são dez e seu propósito é, em suma, nos despersuadir de qualquer coisa que nos persuada como representante da verdade ou a realidade. Com Enesidemo, a vida do cético será também uma vida sem crenças (*adoxastous*) e esta é uma característica fundamental do Pirronismo sob inovação de Enesidemo. Contudo, esta não é uma de todo nova

⁷ D.L. IX 78: καθ' οὐς τρόπους πείθει τὰ πράγματα.

proposta, mas muito mais um reavivamento de uma proposta muito mais antiga, de fato, a idéia de que se deveria viver sem crenças é a mais notável no mais extenso apontamento doxográfico que há da filosofia do próprio Pirro: a citação em Eusébio (*Preparação para o Evangelho*⁸, XIV 18, 2-4) de Aristócles, um escritor peripatético do segundo século d.C., que fornece o que parece ser um sumário dos pontos de vista atribuídos a Pirro por seu seguidor Tímon. Não devemos depositar nenhuma confiança em nossas percepções ou crenças, diz o sumário, tendo em vista que não são verdadeiras nem falsas, e daí quando estivermos dispostos à neutralidade, a tranquilidade sobrevirá.

Outra importante e obscurantíssima figura do hall cético é Agripa. Obscuro porque sobre ele nada se sabe, restam dele somente cinco tropos que, se comparados com os de Enesidemo, referem-se mais à estrutura formal dos raciocínios e silogismos do que aos componentes fenomênicos destes. Os tropos como um todo, assim, formam uma rede em que se é possível escapar no âmbito fenomênico, fugindo das armadilhas se não criadas pelo menos compiladas por Enesidemo, não será possível escapar no âmbito formal: esta é a rede cética.

Talvez, inicialmente, os tropos não funcionassem como uma rede, mas graças ao trabalho de Sexto Empírico será possível articulá-los entre si. Sexto Empírico foi o único Pirrônico cuja obra sobreviveu, sobre ele pouco sabemos, era médico por profissão, viveu no segundo século d.C., foi discípulo do também médico Heródoto de Tarsos, este por sua vez se liga através de uma linhagem de pensadores a Enesidemo de Cnossos (D.L. IX 116).

Sexto nos deixou: (i) *Outlines of Pyrrhonism*, ou *Esboços Pirrônicos*. Que se divide em três livros; (ii) *Contra os Professores*, ou *Adversos Mathematicos*. Composto por seis livros, respectivamente: *Contra os Gramáticos*; *Contra os Retóricos*; *Contra os Geômetras*; *Contra os Aritméticos*; *Contra os Astrólogos*; *Contra os Músicos*. (iii) *Contra os Dogmáticos*, ou *Adversus Dogmáticos*. Composto por cinco livros, respectivamente: *Contra os Lógicos*, em dois livros; *Contra os Físicos*, em dois livros; *Contra os Éticos*.⁹ Ele foi, portanto, um autor prolífico, mas

⁸ Doravante *P E*.

⁹ Doravante nos referiremos a estas obras respectivamente como, de acordo com o índice de Janáček: *P.H., M.*, e, à parte as pertinentes críticas de Barnes, *M.*

não um pensador muito original, o que no caso dele não é demérito. Sua atividade como compilador fez com que fossem preservados importantes fragmentos de filósofos anteriores, fazendo dele uma das mais importantes fontes doxográficas da filosofia mais antiga, acrescente-se a isto que, devido ao método antitético cético, com o objetivo de demonstrar as discrepâncias entre as doutrinas dos filósofos, as citações de Sexto dos fragmentos foram feitas com o máximo de rigor possível, aumentando a confiabilidade nos fragmentos preservados em sua obra.

Um outro mérito da obra de Sexto é que, por ser receptáculo de séculos de tradição cética, nela todo o arsenal cético se cristaliza e solidifica, todos os argumentos, que levaram tanto tempo para evoluírem, alguns tendo desaparecido e depois reaparecido, outros reeditados sob as mais diversas formas, outros tantos sistematizados, todos eles ganham espaço na obra de Sexto que terá a difícil missão, muito original por sinal, de dar a eles maior coesão interna para que não haja brecha para possíveis críticas ao ceticismo.

Resumidamente, a missão de Sexto será unir cerca de cinco séculos de argumentos céticos, levando em conta todos os debates que houvera em torno deles, e também as sucessivas inovações, desde as definições negativas fornecidas por Pirro da meta de vida, além dos quadrilemma e da idéia de uma atitude cética oriunda da atitude de Pirro quanto ao mundo, passando pelos discípulos de Pirro e as tentativas de descrever, escrever e defender a vida e a doutrina do mestre, chegando à média e à última Academia em seus debates constantes contra, principalmente, mas não somente, os Estóicos, gerando a forte reação de Enesidemo de Cnossos contra uma leitura “estoicizante” do *corpus* doutrinal Acadêmico, a compilação dos dez tropos por Enesidemo, e de outros cinco por parte de Agripa, a assimilação de boa parte dos argumentos céticos pela escola médica metódica e, finalmente, submeter tudo isto à idéia de terapia. O ceticismo Pirrônico, com toda esta atribulada e instigante história se lançará como uma cura purgativa dos males dogmáticos.

1.3

Dogmatismo X ceticismo

Seríamos inocentes se afirmássemos que o objetivo de Sexto ao combater os dogmatismos é meramente altruísta, uma verdadeira batalha está sendo travada aqui e, para tal, é preciso circunscrever cada batalhão ao seu campo de ação, assim Sexto rotulará os guerreiros conforme três tipos:

O resultado natural de qualquer investigação é que os investigadores ou descobrem o objeto da busca, ou negam que seja possível descobri-lo e confessam-no inapreensível, ou persistem na busca. Assim, também, quanto aos objetos investigados pela filosofia, e é provavelmente por isso que alguns afirmaram ter descoberto a verdade, outros afirmaram que ela não pode ser apreendida, enquanto outros persistem investigando. Aqueles que crêem que a descobriram são os “dogmáticos”, assim são chamados, especialmente, Aristóteles, por exemplo, e Epicuro e os Estóicos, e alguns outros; Clitômaco e Carnéades e outros Acadêmicos consideram-na inapreensível, e os céticos persistem na busca. Assim, parece razoável manter que os principais tipos de filosofia são três—a dogmática, a Acadêmica, e a cética. (*P.H.* I 1).

Com este parágrafo Sexto começa as Hipotiposes, um manual introdutório ao pensamento cético. Ele retrata os céticos como árdios pesquisadores que ‘persistem na busca’ investigativa, e o adjetivo grego *skeptikos* (σκεπτικός) deriva do verbo σκέπτεσθαι que é um uso arcaico do verbo ver que significa exame, indicando o ver como elemento de uma investigação. Ora, investigadores persistem na investigação porque não descobriram o objeto de sua pesquisa e nem concluíram que é impossível descobri-lo: eles não têm uma opinião formada sobre o objeto da investigação. Assim, a palavra *skeptikos* ou ‘cético’ adquire sua conotação original. Os céticos são investigadores: eles nem crêem e nem descrêem, não afirmam e nem negam, e o verbo *sképtesthai* denota a ação de investigar que os céticos implementam.

Assim, tendo em vista a relutância em afirmar ou negar, ser cético implicará em suspender o juízo, ou reter o assentimento. Uma filosofia cética recomendará que

se suspenda o juízo sobre todo o campo das investigações humanas, tendo em vista a imensa discordância que há entre os teóricos e entre as teorias, que eram endêmicos no século segundo d.C., por exemplo, mas não somente.

Os chamados ‘dogmáticos’ (οἱ δογματικοί) eram aqueles que submetiam-se a dogmas ou doutrinas, sem o caráter pejorativo de fanatismo que a palavra carrega nos dias de hoje. Portanto, os Pirrônicos são os que retêm o assentimento, os dogmáticos são aqueles que, como os Estóicos, Epicuristas e Peripatéticos, proferem a asserção positiva de que é possível conhecer o objeto investigado, ou que já se conhece o tal objeto, bem como, conseqüentemente, que é possível descrevê-lo. Mas dogmáticos também são os que, como os Acadêmicos e os Cirenaicos, proferem a asserção negativa de que é impossível conhecer o objeto investigado e que este objeto por ninguém é conhecido e, portanto, é impossível descrevê-lo. E estas escolas, ou sectos filosóficos, estavam em conflito constante.

Estóicos, Epicuristas, Peripatéticos e Acadêmicos definiam-se a si mesmos por suas doutrinas, e suas doutrinas conflitavam. Além disso, ainda havia conflitos internos nas escolas, os Estóicos, por exemplo, discordavam profundamente entre si, inclusive nos mínimos aspectos:

Os estóicos dividem a filosofia em três partes: física, ética e lógica. Essa divisão aparece pela primeira vez no livro *Sobre a Lógica*, de Zenão, depois em Crisipo no primeiro livro *Sobre a Lógica* e no primeiro livro *Sobre a Física* (...). Outros estóicos, entretanto, dão o primeiro lugar à lógica, o segundo à física e o terceiro à ética. Entre estes estão Zenão em seu tratado *Sobre a Lógica*, Crisipo, Arquedêmos e Êudromos.

Diógenes de Ptolemaís, por seu turno começa pela ética, mas Apolodoro põe a ética em segundo lugar; Panáitios e Poseidônios começam pela física... (D.L. VII 39 a 41).

Assim como os Estóicos, também os Acadêmicos, e mesmo os Epicuristas, que eram vistos como anormalmente harmoniosos e uniformes em seus pontos de vista, discordavam. Mas no que implica a discordância (διαφωνία)?

Uma possibilidade é: na disputa para determinar quem está de fato correto. Assim a disputa levaria a um conhecimento mais seguro, mas qual critério utilizar

para arbitrar sobre quem está, ou não, com a razão? E quais as circunstâncias que poderão incidir sobre o árbitro a ponto de turvar seu juízo?

Diante disso, dessas dificuldades, o cético suspenderá o juízo.

1.4

Η σκεπτική ἀγωγή

É objeto de controvérsia se os três trabalhos de Sexto Empírico apresentam uma única e coerente forma de Pirronismo. Alguns estudiosos detectam importantes diferenças entre os textos, e alguns estudiosos detectam importantes diferenças dentro dos textos, diferenças que são explicadas algumas vezes pela hipótese de que os próprios pontos de vista de Sexto sofreram algumas mudanças ou desdobramentos, ou então pela hipótese desencorajante de que Sexto descuidadamente utilizou fontes diferentes em partes diferentes de seus escritos. Contudo, o próprio Sexto nos diz que a primeira parte de sua obra é um ‘Esboço do Pirronismo’ (Hipotiposes Pirrônicas): “O caráter geral do Ceticismo fora demonstrado pelo método apropriado da descrição, como um Esboço ele fora fornecido em parte para...” (M VII 1).

Neste esboço (ὑποτύπωσις) encontram-se os tropos de Agripa e de Enesidemo, uma diferenciação entre a escola cética e outras escolas, para que não haja confusão, mas também das escolas dogmáticas, um resumo dos argumentos céticos, as especificidades da filosofia cética, o jargão cético e etc. As Hipotiposes são, em suma, uma bula argumentativa para aquele que se interessar em se livrar do assédio dogmático. Nele há ainda, o que nos interessa mais diretamente por hora, a definição de uma metodologia suspensiva, expressa sob a forma de um esquema cético (σκεπτική ἀγωγή) composto pelas seguintes etapas (P.H. I, 25- 30):

Ζήτησις (zétesis, investigação ou busca) → Διαφωνία (diaphonia, discrepância ou discordância) → Ισοσθένεια (isosthenia, equi-polência ou igual força lógica) → Εποχή (epoché, suspensão do juízo ou retenção do assentimento) → Αταραξία (ataraxia, quietude ou, melhor por conservar o prefixo de negação, imperturbabilidade).

Primeiramente, ao defrontar-se com uma questão, o cético investiga. Esta investigação consiste em uma busca por respostas ou evidências, e ao prosseguir e aprofundar-se na busca o cético perceberá que há diferentes teses sobre a questão que investiga. Estas teses são iguais e contrárias e têm igual peso lógico, diante disso o cético mergulha em *aporia* e retém o assentimento. Ao fazer isto ele livra-se da necessidade de aderir a uma teoria qualquer sobre a questão investigada e livra-se da aflição, atinge a imperturbabilidade.

Esta imperturbabilidade, originalmente, assim como a tradução definida negativamente, também é definida negativamente. De modo que a *ἀταραξία* é qualificada também como o estado em que o cético toma uma postura de *ἀφασία* (*aphasia*, não-asserção), ele se torna *ἀδοξάστως* (*adoxastous*, sem crenças).

Após propormos um resgate do significado original de ‘ceticismo’ e de ‘cético’, enveredamo-nos brevemente pela história do ceticismo antigo, desde o surgimento de argumentos céticos, passando por todas as fases do ceticismo, até Sexto Empírico. Assim podemos compreender melhor o estatuto especial e a coesão interna que o ceticismo ganhará na obra de Sexto. Foi possível então revelarmos o significado original da palavra cético, bem como o que significa ser cético de acordo com Sexto. Agora, tendo cumprido o objetivo inicial, eis que surge no horizonte da pesquisa o problema.

Este problema, que de agora em diante será tratado como problema da auto-refutabilidade ou da *apraxia*, fora levantado primeiramente pelos Estóicos no debate com a Academia em fase cética, e resume-se no apontamento de que o ceticismo se auto-refuta.

No caso do ceticismo Pirrônico, temos que: se o cético suspende o juízo e se torna sem crenças, então como poderá ele agir já que para agir é preciso crer minimamente em algo? Além disso, ao descrever o ceticismo e prescrevê-lo como terapia, Sexto não estaria contradizendo a idéia de que o cético não constrói asserções? O argumento da *apraxia*, assim, busca atacar o ceticismo demonstrando que o cético será duplamente incapaz de agir, 1- porque não terá critérios para ação e nem crenças mínimas que lhe compilam a agir, e 2- porque, diante da *aphasia*, será

incapaz de agir discursivamente, ou seja, de comunicar-se, o que inclui comunicar a sua doutrina. Por sua vez, se o cético age ou se comunica-se e, ainda, se o ceticismo é uma doutrina, diante destas três possibilidades, ele se refutará.

Assim, meu objetivo de agora em diante será: demonstrar argumentos que aleguem que o ceticismo se refuta, e como Sexto Empírico defendeu o ceticismo (e a si mesmo) desta acusação. Tentando entender no que implica ser cético, levando sempre em consideração os argumentos contrários à fundamentação da viabilidade de se viver uma vida genuinamente cética.